Jean-Clet Martin

Tarde: uma nova monadologia

Publicado em: revista Multitudes 2001/4 n°7. p. 186 a 192

link para o txt original: <https://www.cairn.info/revue-multitudes-2001-4-page-186.htm#>

Trad: anônimo do séc. XX

Gabriel Tarde, sem ser um pensador maldito, não pertence exatamente às expectativas de seu tempo. Ele não se reconhece em nenhuma corrente ideológica do séc XIX e seus livros irão perturbar os que se satisfariam em encontrar suas próprias teses, suas próprias crenças confirmadas sob a pluma daquele que não foi nem totalmente filósofo nem verdadeiramente sociólogo, justamente por ter sabido atuar nos dois estilos.

Tarde intempestivo! Intempestivo por não ter sido tomado pela certeza do liberalismo que confunde o desejo com a fé mecânica no progresso e no valor do mercado de trabalho: força de produção em que desaparece toda alma individual e sem que a máquina, por seu lado, possa desenvolver suas virtualidades ecológicas. Intempestivo, ainda, por não ter subscrito às intrigas imitativas da comuna que recorta, na oposição universal dos poderes e das relações de força, uma luta de classes excessivamente dialética. Intempestivo, sobretudo, pela obstinação que o faz retornar a pensamentos tidos como obscuros, a velhas ideias metafísicas como as que Leibniz elabora sob o estranho nome de “monadologia”. Também não será compreendido de jeito nenhum que, na era do átomo, ele seja muito inovador ao recusar, por assim dizer, o golpe (*frappe*) explicativo, se perdendo numa matéria supondo uma alma, afecções e percepções que convocariam o conceito de mônada muito mais do que o de partícula elementar. (187) Há, portanto, alguma bizarrice em ler Tarde hoje. Uma excentricidade que se reconhece na vontade de colocar a alma em toda parte no meio de um mundo em que ela teria perdido todo recurso e todo uso diante da onipotência do mecanismo e do absurdo confesso do idealismo.

Não tendo, então, simpatia nem pelo capitalismo nem pelo socialismo, ficaríamos bem felizes ao supor, enfim, uma categoria para Tarde uma categoria que o fixaria sob uma filiação reconhecível: a do espiritualismo mais cego. Tarde, graças a Deus, espiritualista! Nenhum interesse por isso, diriam alguns. Deixemos para lá esses vestígios estranhos esperando a morte editorial que lhes é destinada! Estranho, aliás, que a reedição de Tarde tenha podido ser feita, apesar de tudo, em dois lugares certamente um pouco a margem do pensamento estabelecido, inicialmente na *Kimé*, depois, de modo sistemático sob a benevolência de *Empêcheurs de penser en ronde*. Teremos

compreendido, pelo menos, que, não dançando em círculo, a tentação monadológica de Tarde não poderia se reduzir ao espiritualismo ridicularizado pelos ideólogos ainda em voga quando ele escrevia. Eu gostaria, nesse sentido, de aproveitar a ocasião que a revista *Multitudes* me oferece para retornar, contra a glória do átomo, sobre um conceito tão pouco conhecido como o de mônada: o que é, enfim, uma mônada e o que a monadologia vem fazer na análise do campo social?

Um vitalismo imanente

Lembraremos que Descartes, ao substituir as forças ocultas, geradas pelo pensamento escolástico, pela extensão geométrica, se verá obrigado a recorrer a partículas divisíveis ao infinito e aos turbilhões para dar conta do composto. Toda a variedade dos seres é feita de uma matéria amorfa cujos arranjos seguem uma fórmula prescrita por Deus por toda a eternidade. A possibilidade de que haja composições de relações que sejam duráveis e integrem a forma de uma coisa viva requerem extensão e movimento tomados em uma proporção determinada. Do mesmo modo, as partículas elementares não poderão integrar uma extensão ou entrar em novas figuras a não ser sob o impulso de um movimento que não provém de uma força interna. Vai se tratar de um choque, de um movimento transmitido a partir de um impulso inicial dado por um Deus distante. A matéria é, por si mesma, morta, sem outra força (188) senão a de transmitir uma mobilidade que a atravessa do exterior. Por isso, Descartes apelará ao princípio de um movimento transcendente no quadro de uma criação continuada, ignorando todo impulso (*élan*) vital e todo sentimento de esforço. O mecanismo não significa outra coisa e não é de modo acidental que ele se serve de um princípio de inércia para definir a natureza, algo ofegante a que a vida não pertence essencialmente, um jogo de pequenos elementos cujas figuras, as individualizações recebem sua sinergia de fora. É neste sentido que Descartes confidenciará a Mersenne que “os corpos pesados não caem por causa de alguma qualidade real chamada de gravidade”. Eles não dispõem de nenhuma força interior que os faria cair e que explicaria a aceleração dessa queda. Nessa perspectiva, um corpo, por mais elementar que seja, não possui nem *em si* nem *para si*. É sempre já movido por algo estranho a ele, morto de frio, numa extensão neutra que somente uma onipotência exterior podia arrancar da dispersão. É a concepção do universo instrumental em oposição ao grande animal dos estoicos.

O conceito de mônada evocado por Leibniz, mais do que uma fantasia filosófica, impõe-se precisamente como uma refutação da inércia reivindicada pelo mecanismo cartesiano que servirá de base para a física moderna. Na verdade, a vida é interior aos elementos que a atualizam, às mônadas que Leibniz opõe aos átomos. Nada de fora pode afetá-las. Ao ponto em que Leibniz dirá, provavelmente equivocado, que ela são sem portas nem janelas. O universo não é uma composição mecânica de um movimento que o atravessaria sem que as mônadas fossem capazes de criá-lo do interior. Por esse vitalismo imanente à natureza, a monadologia se distingue de todo atomismo. O

pão e o vinho são, assim, considerados como agregados de vivos e o bloco de mármore será como um lago cheio de peixes, de elementos animados, dotados de percepção. Impossível, desde então, distinguir a alma do corpo, excluir o princípio de uma alma do mundo. É o vitalismo, psicomorfismo capaz de unificar o dualismo cartesiano da matéria e do espírito que Tarde retomará por sua conta considerando que “a matéria é o espírito, nada mais”¹. É sobre a base desse materialismo espiritualizado que é preciso compreender que toda coisa já é uma sociedade, que todo real, por mais ínfimo que seja, manifesta uma ligação social entre as diferenças que ele associa². A sociologia é (189) imediatamente reivindicada no nível da matéria elementar. Ela é o plano de composição que anima o mundo e consegue extrair do caos figuras movimentadas.

O menor cogumelo é uma reunião de indivíduos numerosos que, pelo desejo de resistir ao vento, que de outro modo os dispersaria, esforçam-se por acreditar na ligação que os reúne e compõe suas raízes sobre a base de uma fé que devemos reconhecer como sendo o regime cristalino do social, uma “regularidade que terá algo de mineral, de cristalino”³. Já há crença e desejo na menor forma de concrecência natural. A sociobiologia é, então, o plano segundo o qual se articula toda vida, a força imanente que funde as mônadas e as mantém em relação, o afeto que as reúne, o poder que as anima segundo hierarquias, uma forma de política sempre singular. Daí a ideia de um biopoder bem mais rico do que as formas de organização política que temos o hábito de distinguir desde Platão. Não há uma democracia, uma oligarquia, uma aristocracia ou uma monarquia, mas uma infinidade de políticas já visíveis nos dispositivos que o menor organismo adota. A natureza põe em jogo formas de poder virtual de que a sociedade humana poderia reativar a complexidade as erguendo contra a instituição de Estados que empobrecem forçosamente as trocas entre mônadas.

Uma política molecular

É preciso supor uma resistência da natureza de encontro a toda forma de governo abstrato, uma política monadológica que destitui a legitimidade da forma do Estado buscando sempre se impôr pela virtude exclusiva da imitação. Não há Estado para justificar a figura que deve tomar tal ou qual sociedade, só há uma sociedade infinitamente variável que fornece a si mesma Estados transitórios entre o desejo e a crença animando cada mônada com um fluxo repulsivo e atrativo. Por isso, poderemos pretender, sem nos enganarmos muito, que “as leis são somente diques opostos em vão ao transbordamento de diferenças revolucionárias”⁴. Nesse sentido, há uma oposição universal, que atravessa tanto as sociedades humanas quanto os organismos naturais, que vai conduzir a sociologia de Tarde para uma política da resistência e da invenção. Tudo é política já na composição da menor partícula, uma política molecular (190) que ricocheteia sobre a própria sociedade para

1 *Monadologie et sociologie*, Paris, Les Empêcheurs de penser en ronde, 1999, p.44.

2 *Ibid.* p.58.

3 *Ibid.* p.98.

4 *Ibid.* p.80.

desfazer as formas de poder microscópicas, os aparelhos de Estado imóveis erguidos pela lógica de grandes impérios cujos dogmas se alimentam de uma adesão a um mecanismo que Descartes impusera: uma visão da política em que um Deus exterior provoca o movimento aí aonde o povo deve por de lado sua iniciativa para se contentar em transmitir ondas de choque, o indivíduo, então, se reduz a uma partícula sem poder. A sociologia de Tarde é concebida como uma forma de resistência ao poder fundado sobre o princípio mecânico da inércia, da força inercial que reúne os corpos segundo um modelo transcendente de assujeitamento, um modelo perigoso que, além disso, se coloca como “mestre e proprietário da natureza”, reivindicando modos de exploração, modos de produção infames, sem respeito pelas mônadas que sofrem sob seus golpes.

Inevitavelmente, a injunção desse mecanismo político nos fará passar ao lado do aspecto maquínico de que toda vida se faz capaz. A menor célula é já uma usina e a usina não é sem relação com o agenciamento de forças vitais cujo modelo de informação poderia ensinar algo a nossos gestores seduzidos pela propagação publicitária das mídias. A célula supõe em seu agenciamento maquínico um “povo de operários”⁵ se agitando em torno dela reproduzindo e inventando formas que operam de modo criativo realizando condições de vida, fugas vitais em que o desejo de preservar na existência vai se exprimir. Há uma técnica da célula que faz dela o lugar de uma engenharia industrial, como se a vida fosse uma indústria capaz de levar sua avidez além das formas que foram impostas pela simples sobrevivência, simples repetição das estratégias que favoreceram, por um tempo, sua manutenção.

Tarde e as máquinas

Não há, propriamente falando, ruptura entre produção técnica e geração natural, entre trabalho e composição de mônadas. A máquina leva consigo afinidades ecológicas de que o Estado tem a tendência a desviar para consolidar seu poder e submeter à sua planificação mecânica os recursos planetários. A máquina não se reduz ao mecânico e não são as máquinas que suscitam (191) problema, mas a maneira de submeter a avidez delas à consolidação de um poder puramente estático que vive tempo demais de uma forma de energia dominando todas as outras, que as sufoca em vez de as deixar se exprimir como é, por exemplo, o caso da proeminência atual do petróleo, do petrodólar em relação à energia solar abandonada. É um modelo industrial que é o eterno retorno às mesmas condições de produção: uma crispação da crença no que ela aliena o trabalho industrial a se repetir na fascinação dos mesmos objetos e dos mesmos produtos que invadem o mercado planetário até a asfixia. Mas como anuncia Tarde “talvez saia do próprio excesso de industrialização, o remédio do mal”⁶ quando o limite entre o maquinal humano e o maquinismo vivo romper toda barreira para entrar numa espécie de cibernética, que já fazia da armadura do cavaleiro um novo corpo, talvez se associem os circuitos impressos da indústria com os que o

5 *Ibid.* p.51.

6 *La logique sociale*, Paris, Les Empêcheurs de penser en ronde, p.559.

cérebro realiza entre seus neurônios. É quando a armadura se torna inútil, diz Tarde, que ela se orna de decorações que fazem dela uma obra de arte e uma estética que será como um corpo sem órgãos. Quando os chips informáticos saírem de suas condições iniciais de produção, encontrarão, no cérebro a glorificar, as neurotransmissões das quais o homem poderá esperar uma nova natureza, essencialmente técnica, uma bio técnica que por enquanto ainda aposta na crença e no desejo de nossas velhas usinas celulares. Compreenderemos facilmente que uma “descoberta sempre carrega outra a seu lado”⁷ envolvida por um enxame de virtualidades, de possibilidades que esperarão uma realização inédita por parte do desejo e da invenção. Não é impossível imaginar que a célula nervosa carregue consigo a promessa de um *golem*, a linha de fuga de um microprocessador. Há uma “lógica vital” que entra em conjunção com uma “lógica mental” e uma “lógica maquinal” cujos encontros não podem mais ser pensados segundo uma distinção entre artifício e natureza uma vez que a natureza ama o artifício e já imita, nela mesma, os processos da arte para despistar as linhas de morte que retardariam a expansão universal, a avidez universal.

O trabalho, nesse sentido, é concebido inevitavelmente como um reanimar de mônadas seguindo agregações artificiais que reconectam com a virtualidade dos agenciamentos que a natureza não tinha escolhido, optando pelas (192) organizações provenientes do carbono, em vez do silício. Mas nada impede de introduzir o inorgânico no orgânico, as redes da informática nas do cérebro para prolongar a monadologia do vivo na vida não-orgânica da robótica. Só há um único universo de mônadas, um único plano possível que excluiria as possibilidades do silício de toda composição vital. Ao contrário de Leibniz, que fundava as relações das mônadas sobre a harmonia pré estabelecida pela qual elas só podiam incluir elementos compatíveis, a monadologia de Tarde supõe uma infinidade de planos de composições suscetíveis de fundir sistemas tão incompatíveis quanto os do carbono e do silício, do orgânico e do cibernético, para promover um transplante do vivo sobre a plasticidade artificial dos objetos técnicos⁸. Que a natureza tenha tido, inicialmente, necessidade do carbono para a elaboração do vivo em detrimento do silício, isso em nada exclui modos de individuação técnica, uma monadologia técnica, uma monadologia tecnológica virtualmente silenciada nos ramos da monadologia animal e vegetal. É na técnica que o mineral poderá encontrar enfim as resplandecências de uma vida fria e polida que não podia mais se fiar nos recursos do carbono: traços metálicos que lançarão até as estrelas flechas que poderão plantar aí as sementes de um novo povo de mônadas.

7 *Ibid.* p.261.

8 Esta ideia de uma monadologia plural encontrará em Deleuze seus prolongamentos mais inovadores.